

Uma Nova Percepção do Mundo

OS GRANDES navegadores do desconhecido ou do fantástico não são mais os artistas e poetas (surrealistas à frente), mas os cientistas. Linstein, Plank, Broglie, Heinseberg, Sedov e tantos outros são os verdadeiros poetas de nossa época eletrônica. A tecnologia e a indústria estão produzindo hoje, nas feiras universais, no cosmo, nas fábricas, o maravilhoso antes buscado em metamorfoses poéticas. A arte cinética encontrou seu sucesso — e uma saída — aproximando-se da tecnologia industrial e da ciência.

Lev Nusberg, um jovem de 30 anos, que nunca estudou em escola de belas-arts, mas que faz pinturas, esculturas e poemas, formou o grupo «Dvijeniè», no convívio de matemáticos, físicos, «eletronicistas», psicólogos, sociólogos e de outros artistas (poetas, mímicos, atôres, músicos e arquitetos), que pensavam como ele, isto é, de «que no século da técnica, casaram-se a arte e a ciência.» Nusberg é o mais velho do grupo, pois a média de idade é de 23 anos. Em 1966, na Casa de Cultura do Instituto de Física Atômica, os componentes do «Dvijeniè» (Nusberg, Infante, Kuznetsev, Buturline, Koleitchuck, Zanievskaja, Glintchnikov, Orlova, Galkine, Bittova, Dubovska, Stiepanov e Mouravievicva) realizaram sua primeira exposição, ou melhor, um espetáculo intitulado «Metamorfose.» Repetido várias vezes, foi assistido por duas mil pessoas. Uma «síntese perfeita de construções espaciais e de objetos cinéticos, de pantomima, de luz, odores, de poesia e de música concreta: um diálogo entre o homem e a máquina, onde o homem se

mecaniza a fim de que a máquina se torne humana.»

CINETISMO IGUAL COLETIVO

Por ocasião do 50º aniversário da revolução russa, em 1967, o grupo Nusberg conseguiu autorização para promover em Leningrado, em plataformas montadas sobre o rio Neva, uma série de manifestações cinéticas. Ao longo de um quilômetro e meio, Nusberg projetou várias «esculturas-arquiteturas» que incluíam movimento, som, projeção de imagens e luz. Um dos projetos mais arrojados de Nusberg é um labirinto pluissensorial e ambiental, no qual a forma e a cor dos muros, os sons, a luz e a temperatura reagem ao movimento do homem no seu interior. É como se o labirinto fosse um ser vivo a responder às provocações do espectador. Em outras obras ambientais, Nusberg e seu grupo introduzem variações de temperatura, odores, provoca estados de ausência de gravidade, tudo, portanto, de conformidade com as novas vivências do homem na era da exploração espacial. Melhor, Nusberg, trabalhando em equipe com físicos e eletronicistas, está procurando refletir uma nova percepção do mundo (após a prospecção do cosmo). Neste sentido, as propostas de Nusberg vão além do próprio conceito de arte. O manifesto do grupo Dvijeniè diz, aliás, textualmente: «O cinetismo não é apenas uma nova forma artística, nem mesmo uma nova espécie de arte, mas uma nova relação entre o mundo e o Homem.» É por isso que ao grupo não interessa tanto as aplicações, na praxis social e econômica do pensamento construtivista de Ta-

mlin, el Lissitsky, Rodchenko, mas a visão prospectiva de Malevitch no seu período especulativo de 1918/28, configurando uma nova sensibilidade. O grupo não quer portanto, apenas, modificar a direção da estética atual, mas o modo de vida do homem sobre este planeta.» Iniciador e teórico do grupo, Nusberg entende que o seu cinetismo tem origem em Malevitch, parte de suas intenções acêrca de uma nova sensibilidade. Ora, o suprematismo era a supremacia da sensibilidade sobre os objetos, uma visão especificamente russa (e por isso mesmo mística) do mundo.

Malevitch afirmou certa vez que era preciso fazer uma arte «mais próxima de nós, mais russa.» Hoje, Nusberg revela uma fé quase mística no seu idealismo («A era da arte real, da compreensão geral entre os homens por intermédio da arte aproxima-se», afirma o manifesto, que propõe a criação de um Instituto Mundial do Cinetismo», porque «hoje, a criança é já uma geração cósmica» e as «estrelas estão mais próximas de nós») no cinetismo como uma forma coletiva de arte, de uma arte cinética para todos os sentidos. É esta ligação do coletivo com um certo misticismo tem para Nusberg «raízes tipicamente russas.» Respondendo a Jiri Padrta, que falou do idealismo utópico do manifesto do grupo, Nusberg disse que «a alma russa não pode viver sem fé, nem sem entusiasmo.» O sentido do vazio, dos grandes espaços a serem preenchidos coletivamente, acompanha a alma russa, das estepes brancas ao cosmo percorrido primeiramente por Gagarin.